

UMA POSSÍVEL INTERPRETAÇÃO PRAGMÁTICA DE C.S. PEIRCE SOB A PÓS-VERDADE

A POSSIBLE PRAGMATIC INTERPRETATION OF C.S. PEIRCE UNDER POST-TRUTH

Thalles Rodrigues de Oliveira¹

Resumo:

Este estudo versa sobre a pós-verdade e a personalização algorítmica, a partir de uma leitura pragmática do filósofo Charles Sanders Peirce. Pretende-se evidenciar, com base na filosofia de C.S. Peirce, a organização dos *internautas* por um método de fixação da crença. Peirce afirma que o objetivo da crença é um estado de calma. Em razão da procura por essa posição estável, os usuários adotam o Método da Tenacidade, segundo o qual é suficiente apenas ter uma crença, que não necessariamente deve ser fundamentada, mas que deve, sim, cumprir o objetivo de uma crença, que é a felicidade. Portanto, busca refletir como o método utilizado fortalece o surgimento da Pós-verdade e dos seus elementos *Fake News* e Negacionismo. A *Fake News* vem a ser um discurso construído com o fim da manipulação, já o negacionismo é o sentimento de ódio e a luta pelo enfraquecimento das instituições estatais e científicas que têm o intuito de estabelecer a produção de conhecimento.

Palavras-chave: pós-verdade, método da tenacidade, pragmatismo

Abstract:

This study deals with post-truth and algorithmic personalization, from a pragmatic reading of the philosopher Charles Sanders Peirce. It aims to highlight, based on C.S. Peirce's philosophy, the organization of internet users through a method of fixing belief. Peirce asserts that the goal of belief is a state of calm. Due to the search for this stable position, users adopt the Method of Tenacity, according to which it is sufficient to have a belief that does not necessarily need to be well-founded but must fulfill the purpose of a belief, which is happiness. Therefore, it seeks to reflect on how the method used strengthens the emergence of post-truth and its elements, fake news, and denialism. Fake news is a discourse constructed for manipulation, while denialism is the sentiment of hatred and the struggle to weaken state and scientific institutions, which aim to establish the production of knowledge.

Keywords: post-truth, method of tenacity, pragmatism

¹ Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual de Montes Claros -Unimontes (2021). cursando o mestrado profissional em Filosofia pelo núcleo Unimontes. Professor da educação básica da rede estadual de Minas Gerais. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-8277-0684>

Introdução

O intuito deste estudo é entender os processos de formação de crença no ciberespaço e, principalmente, a construção dos discursos com finalidade de manipulação, os quais chamaremos de *Fake News*. O contexto social hipermoderno evidencia novas formas de lidar com os processos de comunicação social. A inovação tecnológica, por sua vez, permitiu maior acessibilidade a uma proporção exacerbada de informações, especialmente pelas tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC). Todavia, este espaço demonstra um trato diferente, no qual todos os internautas são possuidores de espaço aberto em proporção, embora fechado em mecanismos de aceitação das mesmas ideias, o que Eli Pariser (1980 -) chama de bolha de filtros.

O termo bolha de filtros elucida o problema que as mídias sociais possuem: um quantitativo de cálculos algorítmicos que favorecem a permanência dos indivíduos em exposição às mesmas crenças e informações que favorecem a ressonância dos seus próprios pensamentos. Assim, os filtros ajudam a personalizar as mídias sociais, a constituir uma rede de elementos, comunicações e de indivíduos com os quais serão trocados dados e informações, além, é claro, de promover o consumo de produtos de determinados grupos personalizados.

Na vida hipermoderna, é importante compreender o aspecto da personalização e da informação enquanto produto. O filósofo francês Gilles Lipovetsky (1944 -) destaca a personalização como um ponto central da sociedade pós-moderna que se elevou na hipermonidade. Com a necessidade do indivíduo se constituir a todo instante, os produtos tornaram-se meios importantes deste ato de *constituir-se*. A subjetividade dos indivíduos é estruturada pelos objetos de consumo e pelas mídias sociais nas quais estão inseridos. As TDICs não se ausentaram das práticas de personalização da informação, considerando a necessidade de se incorporarem aos novos processos mercadológicos.

Percebe-se, então, que as novas mídias não estão alicerçadas na mesma norma de ação das mídias tradicionais, já que operam mediante um mercado de personalização algorítmica, oferecendo produtos, informações e hábitos em torno do seu cálculo de leitura dos *clicks* e da projeção de novos *clicks*. Dessa maneira, instigam o usuário a permanecer no seu estado de crença, obtendo sempre o mesmo produto da sua opinião. Nesse sentido, Lúcia Santaella afirma que:

É preciso compreender como as mídias funcionam, como estão alicerçadas em modelos de negócios totalmente distintos dos tradicionais. É preciso se dar conta da maneira pela qual os dados são coletados e utilizados. Sem isso, não pode haver escolha bem informada sobre conteúdos consumidos e compartilhados, em quaisquer dos ambientes em que o usuário se encontra, seja ele um site de vendas, seja de notícias, de mídias sociais ou de busca (Santaella, 2018).

O filósofo estadunidense Charles Sanders Peirce (1839 - 1914), no seu livro *A Fixação das Crenças*, concebe a existência de tipos de formulações de crenças. Uma das classificações se dá pela formulação de narrativas que apoiam a crença já estabelecida, haja vista que, para o filósofo, o objetivo da crença é a felicidade, isto é, existe a necessidade de fixar uma opinião para alcançar o seu *telos*.

As crenças reforçadas nem sempre têm aparato epistêmico, existindo, ainda, a ampliação desse discurso contra-epistemológico, pós-verdadeiro e suas terminações *Fake News* e Negacionismo. Portanto, deve-se pensar em maneiras de como *fixar* as opiniões não apenas no campo subjetivo, mas também na comunidade,

como afirma o próprio Pierce: “[...] devemos necessariamente influenciar as opiniões uns dos outros; de forma que o problema se transforma em como fixar a crença, não meramente a nível individual, mas na comunidade” (Pierce, 2003).

O fio condutor passa por bolhas de filtros bem amarradas. Sendo assim, não há como desenvolver uma observação concreta da opinião do outro como uma possibilidade da descrença, já que os algoritmos fortalecem os laços conhecidos e rompem com os laços fracos. A hipótese primária para contrariar o fluxo da (des)informação desenvolvida nos ciberespaços são as instituições de conhecimento: as escolas, universidades, as comunidades científicas e as fontes de publicização de informação.

Todavia, não basta adentrar no pensamento científico da maneira que é proposta nas instituições de fomento à formação inicial, visto que os conteúdos nestas instituições são organizados de maneira linear, circunscrito às suas descobertas, não há um aprofundamento da linguagem, da sistematicidade do conhecimento científico. Independentemente da função social que é atribuída ao texto didático, é necessária a compreensão do seu público-alvo, da sistematicidade e do estilo.

Ao estudar os gêneros textuais e suas tipologias com aprofundamento no texto didático, percebe-se a necessidade de levar uma sistematização maior na educação do que na divulgação científica (Costa *et al*, 2021), posto que os estudantes da educação básica necessitam de uma visão *parcialmente sistemática* do objeto de estudo das ciências, entendendo a função de cada instrumento epistemológico, da formação do conhecimento e da linguagem, com a finalidade de reconhecer a construção dos conhecimentos científicos e sistemáticos. Assim, é possível perceber a diferença entre um saber mais estruturado de outro pouco estruturado, bem como refletir sobre o desenvolvimento da linguagem científica e das formas de argumentação.

Distanciar-se dessa forma linear e progressiva dos conhecimentos e demonstrar as justificações, os reconhecimentos e as validações desse saber, é superar o entendimento de que o pensamento científico deve ser estimado, e não assimilado, estudado e interpretado. Compreende-se, então, que para efetivar um conhecimento científico é necessário organizar os conteúdos para além da primazia das descobertas e da “prática” calculável das ciências, envolvendo, também, a preocupação com o desenvolvimento digital, a partir da observação dos modos de orientação no sentido do uso mais apropriado dos ciberespaços.

Crenças

O pragmatismo de Peirce é uma Teoria da Investigação. Não almeja fundamentar as bases do pensamento sobre a verdade, mas caminhar em torno do problema, de modo a conquistar a resposta para a questão em determinado tempo e espaço. O filósofo afirma que o conhecimento é um processo, sendo determinado pelo seu instrumental, pela sua estrutura social e pelo seu campo de ação.

É adequado considerar que a filosofia pragmática é um método que defende a aproximação entre teoria e prática, entre pensamento e ação. Wall ratifica a compreensão de pragmatismo sugerida Peirce:

[...] somente um critério de significação, que estipula ser o significado de *qualquer* conceito nada mais do que a soma total de suas consequências práticas concebíveis. Desse ponto de vista, conceitos que não tenham consequências práticas concebíveis não têm significado e, se as consequências práticas

concebíveis de dois conceitos são idênticas, ambos os conceitos são sinônimos (Wall, 2007).

Peirce, no seu texto *A Fixação da Crença*, compreende para o pensamento prático dois estados de espírito: crença e dúvida. O filósofo destaca que a crença determina os desejos e as ações “As nossas crenças guiam os nossos desejos e moldam as nossas ações” (Peirce, 2003).

Ao conceber a figura de uma personagem ou ideologia que estabelece hábitos para certo fim, aquele que está sujeito à crença nesses princípios modifica seus hábitos, visto que a dúvida não garante esta modificação, pois a insegurança está presente e não permite estabelecer um elo entre a calma e a alteração do hábito. “O sentimento de crença é uma indicação mais ou menos segura de se encontrar estabelecido na nossa natureza algum hábito que determinará as nossas ações. A dúvida nunca tem tal efeito” (Peirce, 2003).

Peirce afirma que a dúvida é um estado de desequilíbrio, pois é o momento de *inquirição* para estabelecer uma crença. Sendo assim, no momento da dúvida não há o estabelecimento do hábito, este sendo o estado mais calmo e confortável. Percebe-se, então, que o estado da crença, por ser confortável, induz à permanência nele:

A dúvida é um estado de desconforto e insatisfação do qual lutamos para nos libertar e passar ao estado de crença; enquanto este último é um estado calmo e satisfatório que não desejamos evitar, ou alterar por uma crença noutra coisa qualquer (Peirce, 2003).

Logo, os indivíduos que estão sujeitos, nos ciberespaços, a observar meramente as suas próprias crenças não abandonarão a sua comodidade para ressignificar suas ações. Ao contrário, optam por afirmar as suas crenças reiteradamente, utilizando-se do arcabouço tecnológico para disseminar o mesmo modo de pensar dentro da sua câmara de eco.

Entende-se que o objeto da crença é a satisfação dos desejos daqueles que acreditam, já que opera com vistas a tal fim. Por conseguinte, é compreensível que os indivíduos que se organizam em certos limites para chegar à felicidade não queiram negá-los.

É certamente melhor para nós que as nossas crenças sejam tais que possam verdadeiramente guiar as nossas ações de forma a satisfazer os nossos desejos; e esta reflexão far-nos-á rejeitar qualquer crença que não pareça ter sido formada para assegurar este resultado (Peirce, 2003).

Peirce declara que o objetivo do conflito, da *inquirição*, é a fixação da opinião. No entanto, percebe-se que a finalidade é apenas da opinião, e não necessariamente de uma opinião verdadeira: “[...] assim que uma crença firme é alcançada, ficamos inteiramente satisfeitos, quer a crença seja verdadeira, que seja falsa” (Peirce, 2003). Além disso, quando se forma a crença, acredita-se que é verdadeira.

Percebe-se, então, que o método da tenacidade é o método que circunda as redes sociais e produz o fechamento das influências que requerem toda *inquirição* para o estabelecimento de uma nova crença, “Se adotar o método da tenacidade, e me fechar a todas as influências, o que quer que eu pense que é necessário para fazer é necessário segundo esse método” (Peirce, 2003).

Charles Sanders Peirce descreve outros métodos como, por exemplo, o método científico, o método metafísico ou *a priori* e o método da autoridade. Este último, na concepção do aludido filósofo, advém de uma casta ou instituição que determina se o conhecimento é real ou falso. Nesse caso, a estrutura de poder é bem organizada, visto que é necessário romper com o que é falso, isto é, o que é indesejado pela casta que é detentora do conhecimento e dos objetos de interesse, consequentemente, esse sistema é acompanhado de coerção social violenta. O pensador observa atentamente que nesse método de fixação das crenças as mudanças são tão lentas que os sujeitos internalizam as crenças e não sofrem com as mudanças. Todavia, o autor demonstra que esse método é falho, em decorrência da falta de habilidade em reconhecer qual proposição *deve ser acreditada*.

Nota-se, então, a necessidade de se buscar uma nova forma de fixação da crença, na qual seja possível o reconhecimento das proposições “verdadeiras”, e não apenas o impulso de crer. Concebe-se o pensamento que tem como princípio elevado a razão, adotado pela filosofia metafísica. Um sistema em que as proposições fundamentais *pareciam conforme à razão*, que, segundo o filósofo estadunidense, são proposições nas quais existe uma inclinação à crença. O pragmatista entende o apelo intelectual do pensamento metafísico, todavia, chama atenção por não se basear em nenhum fato do mundo. Além disso, afirma que:

Este método é bem mais intelectual e respeitável do ponto de vista da razão que qualquer um dos outros que aqui observamos. Mas o seu falhanço foi o mais manifesto. Faz da inquirição algo semelhante ao desenvolvimento do gosto; mas o gosto, infelizmente, é sempre mais ou menos um assunto de moda, e consequentemente os metafísicos nunca chegaram a fixar qualquer acordo, mas o pêndulo tem balançado para trás e para a frente, desde os tempos mais remotos até aos mais recentes, entre uma filosofia mais material e uma mais espiritual (Peirce, 2003).

Por último, o pensador busca compreender um método que afete a todos os homens de maneira igual, um método que possa chegar a uma única conclusão, independentemente da subjetividade individual de cada homem que se propõe a pensá-lo. Ele afirma que tal método é o da ciência. Logo, conclui-se que a hipótese fundamental do método científico é:

[...] existem coisas reais, cujas características são inteiramente independentes das nossas opiniões acerca delas; estas realidades afetam os nossos sentidos de acordo com leis regulares, e embora as nossas sensações sejam tão diferentes como o são as nossas relações aos objetos, contudo, tirando proveito das leis da percepção, podemos descobrir, através do raciocínio como as coisas realmente são; e qualquer homem, se possuir suficiente experiência e raciocinar o suficiente sobre o assunto, será conduzido à única conclusão verdadeira (Peirce, 2003).

O método científico pretende alcançar uma conclusão satisfatória a um único acordo de opiniões, a qual não seja passível de dúvida, com efeito de estabelecer um estado de crença. Outrossim, Peirce conclui que os métodos de fixação de crenças possuem elementos singulares, que cada individualidade faz do método a sua particularidade positiva, diferenciando-se pela especificidade de cada uma: “Não se pode julgar que os primeiros três métodos de estabelecer opinião não apresentam qualquer vantagem sobre o método científico. Pelo contrário, cada um possui alguma vantagem particular que só a ele pertence” (Peirce, 2003).

Todavia, o autor afirma que para a validação do conhecimento só o método científico seria eficaz, visto que o método da tenacidade, o método da autoridade e

o método *a priori* estão sujeitos a ressoar os mesmos pensamentos, de impor suas próprias crenças. O primeiro, por efetivar o estado tranquilo da crença e ignorar a inquirição. O segundo, por imprimir suas ideias com terror. O último, por ser o método da metafísica e, segundo o autor, ser essencialmente parecido com o da autoridade.

O filósofo estadunidense afirma que a melhor forma de fixar as crenças é através do método científico, o qual não é absoluto e pode ser refutado, pois estaria em constante construção. Todavia, utilizar esse método é negar toda a passividade e comodidade da pertença que o método da tenacidade possibilita. Os sujeitos preferem sentir que o seu saber é fundamentado do que sentir a dúvida. “As pessoas às vezes retraem-se de o fazer, tendo a ideia de que as crenças são totalidades que elas não podem evitar sentir que não têm fundamento” (Peirce, 2003).

Peirce rompe com a perspectiva da anterioridade, interioridade e subjetividade do pensamento e do objeto. Portanto, a realidade independe das afirmações geradas por sujeitos externos:

[...] a realidade é independente, não necessariamente do pensamento em geral, mas daquilo que tu ou eu ou um número finito de pessoas pode pensar sobre isso; e de que, por outro lado, embora o objeto da opinião final dependa daquilo que a opinião é, contudo, o que essa opinião é não depende do que tu ou eu ou qualquer outra pessoa pensa (CP 5. 408).

O método científico é destacado pelo filósofo por sua capacidade de estabelecer teorias abertamente aceitas e observar *alguma permanência externa*. Pode-se compreender com a ideia do filósofo que “a realidade é a causa final da investigação porque reflete a fixação das crenças sobre as quais a investigação se apoia” (Bacha, 1997). Peirce compreende que a ciência é feita por uma comunidade de investigadores que corrigem o método e buscam a verdade, por consequência, os resultados dessa investigação devem ser a realidade e ter como possibilidade a submissão crítica a outros investigadores. A aglutinação dos resultados por meio da experimentação favorece a compreensão da realidade, como é observado:

Para Peirce, quando diferentes pesquisadores concordam com um resultado final, isto não é simplesmente um fato bruto. Ao contrário há convergência de opiniões, observações, ideias e pontos de vista. A explicação para isto está contida na sua teoria da realidade, como resultado final da investigação (Bacha, 1997).

Pós-verdade

Fica claro, por meio do pensamento peirceriano, que as novas formas de comunicação e informação concedem a mudança de comportamento, visto que os indivíduos circunscritos em uma crença tendem a mudar suas ações. Portanto, as tecnologias e a hipermodernidade são ambientes que possibilitam a mudança nos hábitos dos sujeitos, por conseguinte, essas condições permitem o fortalecimento da pós-verdade.

A concepção de pós-verdade, segundo Ernesto Perini-Santos, “a expressão pós-verdade designa uma suposta mudança no comportamento das pessoas que, aparentemente, passaram a ter crenças para as quais não têm razões epistêmicas” (Perini-Santos, 2022). Essa acepção oferece instrumentos associados ao método da tenacidade, porque este método conduz a fixação da crença pela crença, e não por alguma razão epistemológica. Sendo assim, remete à aplicação de um valor

sentimental, à criação de laços mais fortes com a reafirmação de suas crenças estáveis, ou de pertencimento do grupo personalizado que o indivíduo está inserido.

A coordenação em larga escala exige marcas de pertencimento a grupos e uma maneira de marcar o pertencimento a grupo é o tipo de coisa em que se acredita. Esse funcionamento de crenças não responde a razões epistêmicas. (Perini-Santos, 2022)

A maneira com a qual os ciberespaços, as bolhas de filtros e o método de fixação de crenças se organizam e crescem, isto é, sem nenhum combate ou filtro epistemológico, desregula todo o processo de conhecimento. As agências de checagem se empenham para obter os resultados factuais das narrativas falsas, todavia, não perfuram todas as bolhas geradas nesse *dilúvio* de informações. Atualmente, existem canais que propagam as *verdades paralelas* com grandes investimentos e trajes de mídia tradicional e ilibada. Do mesmo modo, também há diversos *canais, blogs, páginas e perfis* que propagam desinformação. Perini (2022) chama a atenção para *difusão de crenças que têm um papel identitário*, que são capilarizados nos meios digitais.

O mercado digital é vivenciado por duas grandes matrizes, os anúncios personalizados e a economia da atenção. Dentro desse modo de anúncio, nunca ocorreu na história uma forma de recompensa tão forte com relação a monetização das plataformas, a forma de auferir lucro dentro das mídias digitais, seguindo um padrão da quantidade de *conteúdo* para uma maior quantidade de *anúncios*. Sendo assim, o conteúdo daquele que comunica não é tão importante, porque é preciso prender a atenção desse espectador para que ele veja os anúncios e compre a partir das indicações daquele *produtor de conteúdos*, aumentando os patrocínios dessa marca para o seu perfil “comunicacional”.

Logo, as mídias sociais transformam-se em grandes mercados que têm como objetivo vender os dados dos usuários para que os anunciantes vendam os seus produtos. Portanto, as mídias são um mercado cíclico de informações e produtos, no qual, por se tratar de tema recente, não há legislações bem definidas e, por consequência, são ocasionados diversos vícios nesse processo de compra e venda de dados, como a venda sem permissão dos dados do usuário e a disseminação de informações falsas.

A internet, juntamente com a bolha de filtros, permite o desenvolvimento de uma percepção falsa de que tal ideia é homogênea, ao passo que garante a maior acessibilidade entre o comunicador e o receptor das informações. As bolhas de filtros são difíceis de serem perfuradas, os processos algorítmicos de personalização restringem a possibilidade de contactar com aquilo que não é pertencente a bolha do indivíduo.

Fake News e Negacionismo

A definição dada no início do texto sobre o que são *fake news* se torna importante para compreender todo o movimento da pós-verdade, todavia, ela não se limita apenas ao sentido dado. O professor Rafael Cardoso Sampaio, no *Dicionário dos Negacionismos no Brasil*, descreve três conotações, a já referida neste estudo seria a segunda conotação proposta por ele. A primeira acepção descrita pelo professor é “[...], *fake news* são formuladas para chamar a atenção do público e circular rapidamente” (Sampaio, 2022). A terceira seria o seu recorte espacial:

[...], no mundo contemporâneo, *fake news* são um fenômeno intrinsecamente digital. *Fake news* são nocivas, justamente, porque se espalham em velocidade assustadora por plataformas, aplicativos, celulares e redes de comunicação on-line e por poderem alcançar um número consideravelmente maior de indivíduos (Sampaio, 2022).

O fenômeno das *fake news* apreende o ciberespaço personalizado, a bolha de filtros, as câmaras eco e a reafirmação das crenças. Além disso, envolve a criação de contas falsas e de robôs (*bots*) propagadores de notícias falsas, com o intuito de manipular os algoritmos para maior divulgação dessas notícias, como afirma o professor: “[...], os disseminadores de *fake news* tendem a fazer uso de contas falsas e de robôs (*bots*) para aumentar artificialmente o alcance de suas mensagens” (Sampaio, 2022).

Percebe-se, ao final, que as *fake news* têm um recorte histórico. A título de exemplo, nas eleições dos Estados Unidos da América em 2016, há um recorte espacial que são os ciberespaços, entretanto, o seu método fica difuso dentro da estrutura de textos jornalísticos, estrutura de mensagens informais, *clickbait*, *deepfake*², entre outros.

No caso da *Cambridge Analytica*, que perpassa por uma “falha” do *Facebook* em proteger a privacidade e os dados dos seus usuários, todavia, há indícios de que ocorreu a liberação de dados dos consumidores da plataforma para empresas terceiras. O fato ficou conhecido após matéria do jornal *New York Times*, a qual descreve a utilização dos dados recolhidos da plataforma *Facebook* pela empresa *Cambridge Analytica* para beneficiar a campanha presidencial de Donald Trump ao governo dos Estados Unidos da América. Além da questão do acesso aos dados sem permissão dos usuários, que gerou ondas negativas sobre a *Metha*, as discussões tratavam também sobre a disseminação de *fake news* pela plataforma.

O negacionismo, por sua vez, é um discurso que busca romper com as instituições estatais e científicas que têm o intuito de estabelecer a produção de conhecimento e sentido. Os argumentos utilizados por este discurso, comumente, são sórdidos, frágeis e sem indicativo de pesquisa ou qualidades epistêmicas, como afirma José Luiz Ratton:

[...] o negacionismo convencional [...] buscava argumentos, mesmo que inconsistentes, estapafúrdios e não baseados em evidências, para contrapor-se a instituições como a ciência e o Estado e os consensos científicos e morais, advindos de processos sociais de produção de verdade provisória (no caso da ciência) ou de soluções convencionadas, também provisórias, típicas da pretensão do estado democrático de direito (se e quando ocorrem, em seus diferentes graus) (Ratton, 2022).

As mídias sociais corroboram para a ampliação do discurso negacionista que produz “narrativas” científicas como, por exemplo, a terra plana e a utilização de remédios sem comprovação científica para doenças (Domingos, 2021). Por consequência, os usuários submergem em um conhecimento errôneo do mundo e das ciências que, incorporado ao desenvolvimento tecnológico, geram uma rede de culto a teorias conspiratórias e a recusa dos atributos científicos e do conhecimento consolidado. O espectro político de extrema direita em todo mundo utiliza desse

² *Clickbait* é uma técnica de divulgação que produz títulos chamativos para engajamento maior do conteúdo. *Deepfake* é a utilização de algoritmos para trocar o rosto de pessoas, sincronizar a fala com expressões faciais e demais movimentos em vídeos.

sentimento de pertença e o ódio para com as instituições de conhecimento, tornando os sujeitos mais manipuláveis por essa ideologia.

Levando em consideração a forma de distribuição da informação pelos ciberespaços, como os cálculos algorítmicos funcionam e, ainda, que eles são alimentados pelas manipulações de títulos (*clickbait*), percebe-se que o discurso de ódio tem um apelo maior por *clicks* (Fisher, 2022). A personalização dessas *fake news*, o envio dos produtos discursivos de negação das ideias desenvolvidas pelas comunidades científicas, as ressonâncias das crenças dos indivíduos sujeitos a toda essa gama de (des)informação, enfim, todos esses fatores favorecem a divulgação e a exacerbação do espírito nefasto das personagens manipuladas por esses discursos, afetando as instituições científicas e as instituições democráticas:

Combinando dúvida e credulidade corrosivas, criando ambientes de excitação emocional máxima, exacerbando a suspeita e alimentando rotineiramente o ódio, os negacionismos contemporâneos auxiliam direta e indiretamente a produção de elevados coeficientes de desconfiança nas instituições modernas e ultramodernas, com atenção especial para a ciência e para a democracia (Ratton, 2022).

Sendo assim, percebe-se que não se pode pensar isoladamente a pós-verdade, a *fake news* e o negacionismo, visto que os três movimentos se unem em um só. A pós-verdade, com as suas respectivas características, a *fake news* e o negacionismo são complementares e situam-se no arcabouço da tentativa de perturbar o conhecimento e a democracia, expondo, assim, uma cosmovisão de tudo aquilo que não se tinha exposto no século XXI de maneira tão evidente e preocupante.

A internet inaugurou a oportunidade deste tempo hipermoderno, no qual a personalização e a ambiguidade chegaram ao ponto de se projetarem para além dos filtros das mídias tradicionais, atingindo, assim, a coletividade. Em consequência disso, surge a necessidade de se pensar modos e formas para uma educação que consiga resistir aos discursos sem cunho epistêmico, os quais têm como interesse manipular e atingir a tranquilidade da crença.

Portanto, é indispensável que os diversos setores da sociedade se comprometam com a proposta de compreender e orientar a utilização adequada das mídias sócias nas mais diversas faixas etárias, considerando que as tecnologias digitais da informação e comunicação estão imbricadas no cotidiano dos sujeitos inseridos na hipermodernidade.

Conclusão

Constata-se, ao longo deste texto, a mudança estrutural, da subjetividade e da informação. Existe nos ciberespaços uma conduta de fixação das crenças que se torna, inconscientemente, escolhida pelos usuários das mídias sociais, a qual induz os sujeitos a acreditarem e a modificarem os seus hábitos. O método da tenacidade fortalece a crença na opinião, sem a necessidade de uma justificação legítima e universal, deflagrando uma tensão entre as instituições promotoras de conhecimento e o público em geral. Essa tensão pode ser reforçada pelos algoritmos, mas também pelo grupo em que os indivíduos estão inseridos dentro da escola e no

seio familiar. Impedido, naturalmente, a proposição de que a crença do outro tem uma formulação tão boa que o indivíduo sairá do estado de crença e passará para o estado de inquirição.

A hipermodernidade e os seus sujeitos hipermodernos são organizados a partir do modo narcisista de vida, orientados para a personalização do ser, daquilo que o torna ele mesmo. A individualidade, perante tais princípios, altera a ordem, não apenas da organização social, mas também o modo como os indivíduos se relacionam com as estruturas de conhecimento. Por consequência, essa ruptura com o pensamento moderno disciplinar e institucionalizado oferta a possibilidade de um pensamento pós-verdadeiro, como afirma o pesquisador Murilo Oliveira Marquez:

Todas essas transformações aceleradas, que têm como premissa romper com qualquer estrutura verticalizada, padronizada ou objetiva, que é, sem dúvida, passível de críticas, também podem abrir caminho para o fenômeno social da pós-verdade nas salas de aula (Marquez, 2023).

O pensamento personalizado, individualizado, e a informação algorítmica conduzem os indivíduos a questionarem a figura do professor, das ciências e de todas as estruturas formais de conhecimento, não mais como oposição argumentativa para a condução de um momento reflexivo e aglutinador, mas com o intuito de alcançar uma “vitória” qualquer, ordenado por um momento de prazer e intimidação do outro. Portanto, difere do exercício da dialética socrática, cujo fim último é o nascimento da ideia.

A distância entre as instituições científicas, pedagógicas, as mídias e os consumidores de informação e a iniciação das linguagens predominantes condiciona uma forma limitada de reflexão, conclui caminhos hipermodernos de instabilidades com o conhecimento, uma vez que não há distinção entre os saberes concebidos com virtudes epistemológicas e os saberes que são vazios de argumentação ou aqueles que são meras opiniões individuais dos seres. “Essa centralidade do eu em detrimento das verdades advindas do Outro favorece o afrouxamento de critérios importantes para distinguir argumentos factuais de opiniões pessoais” (Marquez, 2023).

As tensões adquiridas dos sujeitos com os espaços de formação, são causadas por um produto que resulta dos movimentos da pós-verdade. O anti-intelectualismo é marcado pela hostilidade aos ambientes de formação acadêmica e às pessoas que desenvolvem o conhecimento pelos pressupostos científicos, as quais têm o compromisso ético com a evolução e descoberta de novos saberes. Não só produz a hostilidade, mas, também, amplia as formas de negação dos conhecimentos advindos desses espaços e dos sujeitos que os compõem. Fica claro que a utilização do método da tenacidade, o qual orienta a ressonância dos próprios pensamentos, provoca hábitos circunscritos no dia a dia desses sujeitos, que resulta, por conseguinte, em movimentos de aversão àqueles que não pensam de maneira igual.

É necessário que os espaços de formação, principalmente os iniciais, como a escola, estimulem a diversificação de pensamento da pessoa no processo formativo, buscando delimitar problemas à medida que concebem as suas raízes e agenciam os espaços onde crescem e desenvolvem os seus frutos. O professor, cumprindo a atribuição de mediador do ensino, e não de detentor do conhecimento, produz um duplo pensar, no qual o aluno é instigado a resgatar seus conhecimentos empíricos e, a partir deles, refletir sobre aquilo que está sendo mediado pelo professor. Isto é, pensar as suas atitudes referentes aos problemas e ponderar sobre como englobar

aquilo que é passado de novo com o seu envolvimento em tal problema, conduzindo a dialética, na qual as suas teses são colocadas à prova pelos novos saberes, e, por meio da inquirição, pensar em uma atualização. Desse modo, o aluno terá acesso a elementos que favorecerão a conquista da consciência do seu estar no mundo, do seu papel histórico e da sua responsabilidade sobre os seus conhecimentos. Nas palavras de Paulo Freire, “é exatamente esta unidade dialética que gera um atuar e um pensar certos na e sobre a realidade para transformá-la” (Freire, 2020, p. 35).

A investigação científica tem como intenção fixar a crença de maneira a não oferecer alternativas para um estado de inquirição, por se tratar da crença mais confiável. O papel do espaço de formação inicial é de extrema importância para evidenciar os argumentos científicos, a fim de proporcionar uma atitude crítica aos indivíduos, de levar o conhecimento científico, a linguagem científica, e de instrumentalizar para que, mesmo fora do espaço escolar, tenham ferramentas para coordenar as linhas argumentativas, tenham autonomia dos seus hábitos e das suas experiências de conhecimento para fora dos ambientes de formação.

Referências

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, Modos de ser: Vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

BACHA, Maria de Lourdes. **A Teoria da Investigação de C.S. Peirce**. 1997. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/handle/handle/5279>. Acesso em: 17 jan. 2024.

CRUZ, Daniel. **Algumas Características da Pós-Modernidade**. Intuitio, Porto Alegre, v. 6, p. 79-95, Junho 2013a.

CRUZ, Daniel. **Lipovetsky e a Hipermmodernidade: dilemas e perspectivas para a moderna noção de sujeito e a ética**. Orientador: Marco Antônio de Azevedo. 2013. 92 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, 2013b.

Como o YouTube impulsiona teorias conspiratórias sobre Terra plana. **G1**, São Paulo, 21 jul. 2019. Ciência e Saúde p.n, 21 jul. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/07/21/como-o-youtube-impulsiona-teorias-conspiratorias-sobre-terra-plana.ghtml>. Acesso em 17 jan. 2024.

CORRÊA, Murilo. Chapação maquínica, alucinação estatística: Pensar com o Chat GPT. **Lugar Comum**, Rio de Janeiro, v. 66, p. 139-155, abril 2023. Disponível em: <https://revistas.ufri.br/index.php/lc/article/view/58508/31754>. Acesso em: 8 fev. 2024.

COSTA, Marcos *et al.* **Escrita Científica**. Brasília: UnB, 2021.

DOMINGOS, R. É #FAKE que OMS recomendou Ivermectina para tratar a Covid-19. **G1**, São Paulo, 27 abr. 2021. Fato ou Fake, p. n. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2021/04/27/e-fake-que-oms-recomendou-ivermectina-para-tratar-a-covid-19.ghtml>. Acesso em 17 jan. 2024.

Entrevista Pierre Lévy – Inteligência Coletiva Digital: os primórdios de uma revolução antropológica? Direção: **Biblioteca do Consulado da França no Rio de Janeiro** (BiblioMaison). Conferencista Pierre Lévy. Youtube: [s. n.], 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1zLZ_kAWNKU. Acesso em: 28 jul. 2023.

Expondo redpill alpha incel - o mito que está destruindo jovens. Direção: **Normose**. Conferencista Kenji. Youtube: [s. n.], 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NztEmI_1oXo. Acesso em: 05 fev. 2024.

FISHER, Max. **A Máquina do Caos**: Como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo. Trad. Érico Assis. São Paulo: Todavia, 2022.

FREIRE, Patricia *et al.* Mídias Sociais e Redes Sociais: Conceitos e características. **Anais do I SUCEG**, Florianópolis, p. 455-466, 2017. Disponível em: <https://anais.suceg.ufsc.br/index.php/suceg/issue/view/1>. Acesso em: 27 jul. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, P. FAUNDEZ, A. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Trad. Heitor Ferreira da Costa. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2013.

GOMES, Ana Paula C.; BROENS, Mariana C. **A Formação de Crenças na Era das Fake News**: Emoções e sentimentos epistêmicos. São Paulo: FiloCzar, 2020.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LINDNER, Luís. Revisão da Literatura: Sites de redes sociais ou mídias sociais. *In*: LINDNER, Luís. **Diretrizes para o design de interação em redes sociais temáticas com base na visualização do conhecimento**. Florianópolis: [s. n.], 2015. p. 52-62. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/135790>. Acesso em: 27 jul. 2023.

LIPOVETSKY, G. **A Era do Vazio**: Ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Trad. Miguel Serras Pereira e Ana Luísa Faria. Lisboa: Edições 70, 2022.

LIPOVETSKY, G. **Os Tempos Hipermódernos**. Trad. Mário Viela. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

LIPOVETSKY, G. **A Felicidade Paradoxal**: Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MARQUEZ, Murilo. **Pós Verdade, Impactos e Desafios para a Educação Escolar**: Reflexões psicanalíticas. 2023. 217 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2023. Disponível em: <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/47095>. Acesso em: 28 jan. 2024.

PARISER, Eli. **O Filtro Invisível**: O que a internet está escondendo de você. Trad. Diego Alfaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PEIRCE, C. S. **A Fixação da Crença**. Trad. Anabela Gradim Alves. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação – Universidade da Beira Interior: [s,n], 2003. Portugal. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/esp/autor.php?codautor=40>. Acesso em: 03 jul. 2023.

PEIRCE, C. S. **Como Tornar as Nossas Ideias Claras**. Trad. António Fidalgo. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação – Universidade da Beira Interior: Portugal. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/esp/autor.php?codautor=40>. Acesso em: 22 fev. 2024.

_____. A Doutrina das Probabilidades. In: D'OLIVEIRA, A (Org.) **Os Pensadores**; Trad. Armando D'Oliveira e Sérgio Pomerangblum. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. cap. VI, p. 157-162.

_____. A Probabilidade da Indução. In: D'OLIVEIRA, A (Org.) **Os Pensadores**; Trad. Armando D'Oliveira e Sérgio Pomerangblum. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. cap. VI, p. 163-176.

PERINI-SANTOS, E. Pós-verdade. In: SZWAKO, José, RATTON, José (Org.). **Dicionário dos Negacionismos no Brasil**. Recife: ED. Cepe, 2022. p. 576-581.

RATTON, JOSÉ. Negacionismo. In: SZWAKO, José, RATTON, José (Org.). **Dicionário dos Negacionismos no Brasil**. Recife: ED. Cepe, 2022. p. 414-419.

REALE, G; ANTISERI, D. O Pragmatismo: O pragmatismo lógico de Charles S. Peirce. In: REALE, G; ANTISERI, D. **História da Filosofia**, 6: de Nietzsche à Escola de Frankfurt. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2006. v. 6, cap. 5, p. 79-83.

Roda Viva – Pierre Lévy 08/01/2001. Direção: **Roda Viva TV Cultura**. Conferencista Pierre Lévy. Youtube: [s. n.], 2001. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DzfKr2nUj8k>. Acesso em: 28 jul. 2023.

ROSENGERG, Matthew; CONFESSORE, Nicholas; CADWALLADR, Carole. **How Trump Consultants Exploited the Facebook Data of Millions**. The New York Times, New York, [s.n], 17 mar. 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/03/17/us/politics/cambridge-analytica-trump-campaign.html>. Acesso em: 4 set. 2023.

ROUVROY, A. Entrevista com Antoinette Rouvroy: Governamentalidade algorítmica e a morte da política. Trad. Maria Cecília Almeida, Marco Antônio Alves **Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea: O governo dos algoritmos: a morte da política?**, Brasília, v. 8, p. 15-28, 3 dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/fmc/issue/view/2176>. Acesso em: 28 jul. 2023.

SALDAÑA, P. Bloqueios no MEC vão do ensino infantil à pós-graduação. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 05/05/2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/05/bloqueios-no-mec-va-do-ensino-infantil-a-pos-graduacao.shtml>. Acesso em: 04 jan. 2024.

SAMPAIO, R. Fake News. In: SZWAKO, José, RATTON, José (Org.). **Dicionário dos Negacionismos no Brasil**. Recife: ED. Cepe, 2022. p. 272-279.

SANTAELLA, Lucia. **A Pós-Verdade é Verdadeira ou Falsa?(Interrogações)** Barueri, São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2018. *E-book*.

SPEZIA, Lorezon. Some Philosophical Considerations About The Possibility Of Mind Uploading. **Tópicos em História e Filosofia da Computação**, Campinas, v. 87, ed. 1, p. 159-170, 2020.

STRECK, D; REDIN, E; ZITKOSKI, J (orgs). Dicionário de Paulo Freire. In: ALMEIDA, Cristóvão; STRECK, Danilo. **Pergunta**. 2. ed. rev. Belo Horizonte: Autentica, 2010.

SZWAKO, J. Anti-intelectualismo. In: SZWAKO, José, RATTON, José (Org.). **Dicionário dos Negacionismos no Brasil**. Recife: ED. Cepe, 2022. p. 576-581.

WAAL, Cornelis. **Sobre Pragmatismo**. Trad. Cassiano Terra Rodrigues. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

Recebido em: 07/2025
Aprovado em: 01/2025